

# Intelectuais Negras Brasileiras

A *intelligentsia* brasileira tratou de soterrar a produção de conhecimento de várias intelectuais negras. Em nossa *América Ladina*<sup>1</sup> encontramos grandes e renomadas intelectuais como Ochy Curiel, Angela Davis, Audre Lorde, bell hooks, Gloria Anzaldúa, Maria Lugones, Patricia Hill Collins e tantas outras. Aqui no Brasil, outras tantas intelectuais negras, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros e tantas mais, foram responsáveis por importantes formulações teóricas e literárias, mas permaneceram na invisibilidade.

*Lutas Sociais*, mais uma vez, navega na contracorrente e presenteia seus/suas leitores/as com o dossiê ***Intelectuais Negras Brasileiras***. Trata-se de apresentar a genialidade de algumas das muitas intelectuais negras ainda pouco conhecidas no Brasil. Dentre tantas delas, nesta oportunidade estão: Antonieta de Barros, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Maria de Lourdes Vale do Nascimento, Maria Firmina dos Reis e Virgínia Bicudo. São apenas algumas de um universo muito maior, mas que sinaliza a urgente e necessária ruptura com os diferentes mecanismos que insistem em definir uma única via de produção de conhecimento.

O dossiê aqui apresentado é, portanto, inovador no conteúdo e na forma. ***Intelectuais negras brasileiras*** expressa um esforço teórico-metodológico, empreendido por jovens pesquisadoras negras que se lançaram no desafio de apresentar a trajetória e a produção teórica e/ou política e/ou literária de mulheres negras intelectuais que foram invisibilizadas pela estrutura racista, misógina, capitalista e patriarcal da sociedade brasileira. Suas formulações teóricas as inserem no “panteão” dos/as intérpretes de um Brasil que até aqui não coube na história oficial.

Assim, no primeiro bloco dedicado às intelectuais e militantes orgânicas do movimento negro de períodos distintos, Renata Gonçalves apresenta algumas das contribuições teóricas de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, duas intelectuais negras cujos estudos e militância política lançam luz sobre a formação social brasileira na perspectiva das lutas e resistências do povo negro. Enquanto uma abordava os quilombos como espaços alternativos de resistência, a outra aprofundava os estudos sobre a dinâmica do racismo e do sexismo na cultura brasileira. Rasbeça Sobral Freire aborda a trajetória de Luiza Bairros desde seu envolvimento com o movimento estudantil até se tornar um dos principais quadros do Movimento Negro Unificado. Luiza Bairros é sempre *bem-lembrada* entre nós

---

<sup>1</sup> Expressão de Lélia Gonzalez.

também pela importância de suas pesquisas na área dos estudos feministas, sempre atrelado à luta das mulheres negras das periferias do país. Eliane de Souza Almeida revela a descoberta que fez de Maria de Lourdes Vale do Nascimento: atuante na construção histórica da luta contra o racismo no Brasil que, ao lado de Abdias Nascimento e outros/as importantes expoentes da luta e da cultura negras, fundou o Teatro Experimental do Negro e o jornal *O Quilombo* nos anos de 1940. Por meio destes instrumentos de luta, Maria Nascimento politizou e defendeu a regulamentação do emprego doméstico, além de organizar o I Congresso Nacional de Mulheres Negras e de criar o Conselho Nacional de Mulheres Negras em 1950.

Com o artigo de Ana Paula Vicente de Oliveira, no segundo bloco, nos deparamos com o percurso acadêmico e político de Virgínia Leone Bicudo, marcado por muitos pioneirismos (na área da Psicanálise, que ela ajudou a fundar no Brasil; no ineditismo de pertencer à primeira turma de mestrado em Ciências Sociais no país; na criação de uma metodologia para estudar relações raciais). Duas jovens pesquisadoras, Daiana da Silva e Christiane dos Santos Luciano, nos introduzem à vida e à obra de Antonieta de Barros, também conhecida pelo pseudônimo “Maria da Ilha”: jornalista, educadora e uma das primeiras mulheres eleitas no Brasil, sendo a primeira mulher negra a assumir um mandato popular. Dedicou sua vida à defesa da emancipação feminina e da educação, promovendo a alfabetização de trabalhadores/as pobres.

No último conjunto de textos, os aspectos das obras literárias de Maria Firmina dos Reis, de Conceição Evaristo e de Carolina Maria de Jesus fecham o dossiê. Sobre a primeira, a maranhense Maria Firmina dos Reis, a pesquisadora Priscila Lemos Lira observa que a escritora revolucionou a literatura do século XIX. Em uma época em que a maior parte das mulheres não tinha acesso à escolarização, Firmina aprendeu a ler e a escrever, foi professora, fundou uma das primeiras turmas de ensino mista e gratuita, publicou poesias, contos e novelas em revistas literárias. O romance *Úrsula*, de 1859, revelou seu pioneirismo na crítica literária à escravidão, colocando personagens negros e negras como protagonistas da luta contra o regime escravista. Bianca Santana tece algumas considerações sobre a memória das mulheres negras presente em *Becos da Memória*, primeiro livro escrito por Conceição Evaristo, a partir de quem estuda a temática da memória, das relações entre memória, literatura e circulação de informação do pensamento de intelectuais negras. As pesquisadoras Raffaella Fernandez e Cristiane Viana da Silva Fronza propõem uma leitura interseccional do livro *Pedaços da Fome*, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1963. Carolina recorre a vias estratégicas de elaboração narrativa, sobretudo por meio da protagonista branca que passa a viver a pobreza, mas possui concessões distintas nessa nova experiência de classe (e de marginalidade) graças à sua branquitude.

Três resenhas continuam o diálogo com o dossiê. Na primeira, Cristina Gomes Baltazar examina a nova e especial edição do livro pioneiro, que já nasceu clássico, de Carolina Maria de Jesus ganhou. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,

que nunca deixou de ser atual. Frente à miséria que ninguém quer ver e diante de quem vive a miserabilidade sem ter coragem de dizer algo sobre ela, Carolina Maria de Jesus soltou o verbo e continua ecoando. No apagar das luzes de 2022, continuamos a nos deparar com terríveis manchetes em diversos jornais do país que estampam que milhões de pessoas famintas procuram por “ratos, ossos e lama: os ‘alimentos do desespero’ a que famintos recorrem para sobreviver”. A fome é um drama mundial que se agrava com o aumento da desigualdade e da busca desenfreada do lucro. No atual mercado da miséria, os frigoríficos hierarquizam os ossos de primeira e de segunda para serem vendidos a quem tem fome.

A segunda resenha, escrita por Ana Paula Pires Lourenço, apresenta a biografia da intelectual negra Sueli Carneiro, organizada pela jovem talentosa escritora e feminista negra e já nossa conhecida Bianca Santana. O livro é um convite ao compromisso com a luta das mulheres negras, que não pode ser dissociada do combate ao racismo nem da busca por uma sociedade livre da exploração capitalista de classe. Dentre as muitas contribuições de Carneiro, destacam-se: suas fundamentais críticas ao *epistemicídio*, isto é, um conjunto de práticas que negam as formas de existência de pessoas negras, que expropriam e reduzem este contingente populacional a sujeitos desprovidos de conhecimentos e saberes; e suas formulações sobre o *matriarcado da miséria*, quando racismo, violência patriarcal e capitalismo produzem uma asfixia social sobre as mulheres negras.

Por fim, a terceira resenha, assinada por Sandra Cerqueira da Silva e Sílvia Casa Nova, é um diálogo crítico com Patrícia Hill Collins por meio do livro *Pensamento feminista negro*, publicado em 2019 no Brasil, isto é, quase trinta anos depois da primeira edição estadunidense. As pesquisas de Collins se voltam para o feminismo e as relações de gênero, em especial na comunidade negra dos Estados Unidos. A notoriedade da estudiosa veio com a publicação do livro, cerne da resenha, que é resultado de “uma metodologia específica que ilustra como pensamento e ação podem trabalhar juntos em benefício da produção da teoria”. Por meio desta metodologia, foi possível ultrapassar as barreiras impostas por uma formação acadêmica formal e, sobretudo, conservadora que disseminava a ideologia de que um trabalho intelectual sério só era possível adotando uma postura de afastamento do objeto pesquisado. O percurso acadêmico de Collins, atrelado à sua inserção na comunidade negra rendeu frutos que se estenderam ao que existe de mais exuberante na construção do pensamento feminista negro que, a partir das experiências distintas das mulheres negras, possibilitou a construção de uma epistemologia feminista negra.

A seção de artigos que, na verdade, abre este n. 49 de *Lutas Sociais*, vem com três densos ensaios. O texto de Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, intitulado “A ‘Guerra da Ucrânia’ e a reconstrução ideológica do Ocidente”, aborda a extraordinária carga de ideologização presente na atual crise do imperialismo. O autor demonstra como a representação, ao final da Guerra Fria, de uma ordem globalizada em que territórios, estados nacionais e soberania perdiam importância

rapidamente e cederam primazia à reconstrução ideológica do Ocidente, agora necessitado de se expandir e consolidar suas fronteiras com vistas a se preparar para o choque com outras civilizações. Na atual crise do imperialismo, argumenta o autor, a defesa do Ocidente encontra sérias dificuldades para se articular à defesa e ao aprofundamento da democracia.

Em “‘Movimentos sociais’, debates sobre o marco teórico”, Sílvia Beatriz Adoue analisa a linha do tempo da elaboração teórica sobre os chamados “movimentos sociais”. Ocupa-se das motivações que levaram à criação do campo de estudos em torno a esse objeto e da formação do campo acadêmico latino-americano sobre o tema, assim como a pertinência da utilização do marco teórico elaborado na academia estadunidense para estudar os movimentos latino-americanos. A autora examina também os desafios que os movimentos latino-americanos vêm enfrentando nas suas relações com o Estado e suas políticas públicas; com a elaboração teórica, entre movimentos e academia; e, por fim, formula questões para a reflexão atual sobre os movimentos antissistêmicos.

As pesquisadoras Samantha Camacam de Moraes e Maria Aparecida de Moraes Silva, no artigo “Encontrando Heleieth Saffioti nos rastros dos arquivos da ditadura civil-militar brasileira”, apresentam alguns achados inéditos no que diz respeito à experiência da socióloga feminista e marxista Heleieth Saffioti com a ditadura civil-militar brasileira. Por meio de pesquisa documental e entrevistas, as autoras perscrutam o cenário político que produziu formas específicas de vigilância a movimentos e atores sociais, mas também um fazer sociológico típico da geração da qual fez parte. Consideram singular a análise da trajetória de Heleieth, assim como o é compreender os desdobramentos da ditadura na consolidação da extrema direita brasileira da última década.

Boa leitura!

Renata Gonçalves  
Organizadora do dossiê